

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

Camila Helcias Sequeira

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA
FAMÍLIA: UMA POSSIBILIDADE DE (RE)PENSAR
EXPERIÊNCIAS GRUPAIS EM SÃO VICENTE, ESTADO DE SÃO
PAULO**

Produto: Educação Permanente em Saúde na Atenção Básica: roda de conversa sobre práticas educativas grupais com enfermeiras(os), agentes comunitários de saúde e equipe do Nasf do município de São Vicente.

Produto técnico da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo – *campus* Baixada Santista, como parte dos requisitos avaliativos para obtenção do título de mestre profissional em Ciências em Saúde.

Santos
2021

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	72
2 OBJETIVOS.....	76
3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA.....	76
4REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

A elaboração deste produto parte das considerações da minha dissertação de mestrado, com a intenção de que ele fortaleça as práticas educativas de grupos na atenção básica, colocando as rodas de conversa e a educação permanente em saúde (EPS) como foco.

A Política de Nacional Humanização (BRASIL, 2010b) menciona em portarias e programas que as práticas de saúde pública e coletiva no Brasil impulsionam e fortalecem ações grupais com usuários e grupos populacionais, principalmente na atenção básica. Apesar disso, vemos no cotidiano dos profissionais de saúde, ou seja, na prática, ações de saúde voltadas para a atenção individual em detrimento das ações coletivas.

“Vários textos sobre a temática dos grupos e coletivos discutem a importância dos agrupamentos na vida do ser humano, o fato de que não vivemos solitários e que nos agregaríamos por natureza” (FURLAN, 2012).

A começar de seu nascimento e ao longo de seu desenvolvimento, o ser humano está inserido e interagindo em diferentes grupos – família, escola, trabalho, amigos –, por isso a relação do indivíduo com os grupos faz parte do cotidiano de toda sua vida, compondo uma dialética formadora entre a identidade individual e a identidade grupal (MORE et al., 2010). Essa potencialidade humana passou a ser objeto de teorias nas ciências humanas e sociais e de estratégias nas áreas da política, da educação e da saúde, entre outras.

Teixeira (2007, p.156) afirma: “Numa primeira fase, os grupos passaram a ser utilizados com finalidades estritamente terapêuticas. Numa segunda, sob influência dos trabalhos de Kurt Lewin, na década de 30 passaram a se voltar para o contexto educacional”. Segundo a mesma autora, a diversidade de possibilidades para realização das atividades grupais vem propiciando a inserção desse trabalho na área da saúde.

Ainda na mesma linha de pensamento de Teixeira (2007), encontramos, de acordo com o Ministério da Saúde nos *Cadernos de atenção básica* (2010a, p.109), que “existem diferentes metodologias de trabalho de grupo. Cada serviço deve utilizar a que melhor se adapte às suas disponibilidades de pessoal, de tempo e de espaço, bem como às características e necessidades do grupo em questão”.

Os serviços de atenção primária em saúde, em sua maioria, têm a predisposição de investir na oferta de grupos relacionados a alguma condição clínica ou à fase do ciclo de vida, assim como a grupos com alguma característica em comum entre seus participantes, de diabéticos e hipertensos, gestantes e outros. A dinâmica desses grupos acaba sendo mais voltada para troca de experiências e informações sobre essa condição, sendo seu formato mais centrado na transmissão de conhecimentos pelos profissionais aos usuários (NICOLAU, 2015).

Os grupos abordam com regularidade temas centrados na doença, sem considerar muitas vezes os aspectos que envolvem as questões diversas da vida dos usuários. Esse apontamento nos convida a refletir e atuar a partir de novos modos de cuidar, visto o processo saúde/doença não envolver somente aspectos patológicos (ABRAHÃO; FREITAS, 2009).

Apesar de os protocolos e as diretrizes disponibilizados pelo Ministério da Saúde padronizarem a assistência e as ações desenvolvidas na atenção básica, apontamos a importância de considerar na atuação o território e as regras estabelecidas pela comunidade, respeitando os modos diversos de enfrentamento da vida.

Para Souza et al. (2005), as atividades educativas grupais favorecem a troca de experiência entre os usuários e entre eles e os profissionais de saúde, e são vistas como um meio de educação em saúde potente para o caminho do desenvolvimento crítico e autônomo de seus participantes.

Partindo desse pensamento, o modelo das práticas educativas grupais dialógicas rompe com as práticas tradicionais ancoradas nas palestras e nos grupos de patologias. A característica significativa desse modelo é a valorização do saber popular, o estímulo e respeito à autonomia do indivíduo no cuidado de sua própria saúde e o incentivo à sua participação ativa no controle social do sistema de saúde do qual é usuário. Percebe-se por essas características que esse modelo se enquadra nas demandas do atual sistema de saúde, o SUS, uma vez que essas características coincidem com as diretrizes desse sistema, como o controle social e a autonomia do sujeito (MACIEL, 2009).

Pensando em processos formativos que promovam reflexões e mudanças no cotidiano de trabalho, utilizaremos a educação permanente em saúde e a roda de conversa como base para este produto da pesquisa.

Prevista pelas políticas públicas, a educação permanente em saúde muitas vezes não é realmente colocada em ação, tampouco é entendida pelos gestores e profissionais,

sendo ainda pouco incorporada na organização do trabalho, na qualidade da assistência, ou seja, no contexto do trabalho. Autores como Ceccim e Feuerwerker (2004) colocam que a EPS parte do pressuposto de uma aprendizagem significativa, na qual se produzem sentidos, propondo a transformação das práticas profissionais. Assim, os processos de qualificação de recursos humanos na saúde deveriam ser estruturados a partir da problematização dos processos de trabalho. Os objetivos deveriam estar baseados na transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho, tendo como referência as reais necessidades de saúde do indivíduo e da comunidade, da gestão setorial e do controle social em saúde.

Para Medeiros (2015), o enfoque da EPS supõe a introdução do ensino e do aprendizado no processo de trabalho, problematizando o próprio fazer, colocando as pessoas como seres reflexivos dos próprios problemas e, dentro dessa prática, construtores de conhecimentos e de alternativas para ação, em vez de receptores, ampliando os espaços educativos para além das salas de aula.

Constatamos dessa forma que a EPS incorpora o ensino-aprendizado à vida cotidiana, às práticas do trabalho no contexto real, mobilizando e responsabilizando o profissional em seu processo permanente de formação. Aqui se entende a prática como fonte de conhecimento e problematização do seu próprio fazer, que potencializa o trabalho interprofissional e as práticas colaborativas.

A potência de criar e estabelecer um espaço de troca e reflexão entre profissionais foi confirmada pelos próprios participantes da pesquisa, que afirmam que as rodas de conversa foram uma oportunidade para pensar sobre o tema das práticas educativas grupais e a prática profissional, disparando momentos importantes de compartilhamento entre as(os) enfermeiras(os), conforme os trechos de diálogos extraídos da roda de conversa no segundo encontro:

Algumas coisas que foram discutidas aqui que eu pus em prática. Ideias que elas deram, do que fazem que não tinha lá na unidade, então coloquei em prática. (PU6)

Eu também! (PU1)

Opa, pega aqui e ali, põe em prática... não precisa ser do mesmo jeito que o outro profissional fez, mas alguns exemplos que falaram aqui, achei muito legal e agora eu estou tentando fazer (PU6)

[...]

Eu acho que nós deveríamos até aproveitar, nós que já estamos aqui e já estamos nesse processo de encontros, de fazer no coletivo e

começar por esse grupo a pensar em alguma coisa. Fazer esses encontros como esses dois que participamos para discutirmos sobre esse tema de grupo, de formação... eu faço assim na minha unidade, ele faz assim na dele... (PU4)

Eu topo, será que os outros enfermeiros topariam? (PU13)

“Vambora”, vamos trocar ideia! Acho que seria bom continuarmos a falar sobre esse tema. (PU6)

E daí a gente pode formar um outro grupo, até porque não vamos poder sair 25 enfermeiros, mas saem cinco hoje, dali a uma semana saem mais cinco... sendo que pode começar com esse grupo! Entendeu, assim? (PU4)

Acho que podemos continuar e de repente a gente consegue esse espaço para uma outra turma também. (PU4)

E vê se os problemas sobre as atividades de grupo, acontecem em um, que acontece na outra, vendo como cada um faz podemos também ter outras ideias, acho que seria legal para todo mundo... (PU17)

Ao que as falas indicam, esse espaço trouxe a oportunidade de diálogo, de fala e escuta entre esses profissionais, possibilitando discutir experiências exitosas vividas no cotidiano de trabalho, fazendo da prática um ensino-aprendizado.

Como aponta Merhy (2015, p.10),

a possível ampliação do olhar permite, de modo intencional como um regime de visibilidade que se quer ter, ver coisas que não se vê regularmente nesse território do agir no mundo do trabalho: o quanto no cotidiano do fazer no campo de práticas se está permanentemente produzindo conhecimento, reafirmando conhecimento e agindo tecnologicamente no campo do cuidado. E isso se dá a partir do núcleo pedagógico central: o encontro com o outro e a troca de modos de agir e saberes, produzindo sentido ético e político para o seu fazer no campo da saúde.

A pesquisa mostrou que a formação inicial das(os) enfermeiras(os) é insuficiente e eles são colocados diariamente diante de desafios da organização do trabalho para discutir estratégias e técnicas, com o intuito de promover a ruptura do que está constituído nos profissionais acerca do olhar e do fazer as atividades educativas grupais.

É então a partir dessa experiência que as(os) enfermeiras(os) da atenção básica do município de São Vicente manifestaram no decorrer das rodas de conversa da pesquisa o interesse em dar continuidade a esses encontros como oportunidade de

fortalecer e garantir espaços de EPS entre Nasf e eSF apoiadas, com a temática das práticas educativas grupais.

Nesse contexto, fica evidente a importância da articulação e parceria entre essas equipes, visto existir uma lacuna na realização conjunta das ações de grupo. Essa conexão potencializa caminhos de compartilhamento e troca visando à construção de espaços de EPS que devem estar presentes na rotina das equipes.

2 OBJETIVOS

Realizar rodas de conversas entre os profissionais do Nasf, as(os) enfermeiras(os) e os agentes comunitários das ESF do município de São Vicente para dialogar sobre as práticas educativas grupais.

3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

Pelo fato dessa experiência das rodas de conversa ter sido bem apreciada pelos participantes da pesquisa, propomos reeditar e incorporar na rotina dessas equipes encontros para dialogar sobre as práticas educativas grupais, mantendo dessa forma vivos as rodas de conversa e os espaços de educação permanente.

Trata-se então de uma proposta de educação permanente em saúde a partir das rodas de conversa com a temática das práticas educativas grupais. Esses encontros devem ocorrer bimestralmente no auditório da Secretaria da Saúde ou da Unidade Básica de Saúde Central no período da tarde (melhor horário de encontro, já apontado pelos participantes da pesquisa), visando articular a equipe do Nasf com as eSF das dezoito unidades apoiadas para potencializar as atividades de grupos nessas unidades. A organização dos encontros ficará a cargo da equipe do Nasf, mas os temas discutidos serão planejados conjuntamente.

O propósito é que nesses encontros possamos (re)pensar experiências grupais, propondo novas formas de produzir cuidado, além de possibilitar trocas entre profissionais que servem para motivá-los, elaborar algumas de suas angústias, superar dificuldades, estabelecer uma cumplicidade e um sentimento de pertença, servir de grupo de apoio e elaboração conjunta.

No decorrer dos próprios encontros e à medida que eles forem se desenvolvendo, outras atividades poderão ser pensadas, desde que haja interesse dos participantes, como por exemplo, convidar profissionais que trabalham com EPS, com grupos educativos, para vir fazer discussões ou trazer algum aprimoramento, e também promover parceria com a Universidade Federal de São Paulo – *campus* Baixada Santista, visando potencializar essas ações.

4 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, A. L.; FREITAS, C. S. F. Modos de cuidar em saúde pública: o trabalho grupal na rede básica de saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p.436-41, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de atenção básica: saúde sexual e saúde reprodutiva**, n.26. Brasília: Ministério da Saúde, 2010a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. **Cadernos HumanizaSUS**, v.2. Brasília: Ministério da Saúde, 2010b. (Série B. Textos Básicos de Saúde)

CECCIM, R. C.; FEUERWERKER; L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.41-65, 2004.

FURLAN, P. G. **Os grupos na atenção básica à saúde: uma hermenêutica da prática clínica e da formação profissional**. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACIEL, M. E. D. Educação em saúde: conceitos e propósitos. **Revista Cogitare Enfermagem**, v.14, n.4, p.773-6, out.-dez. 2009.

MEDEIROS, N. M. **Educação permanente em saúde: gestão e ensino na concepção dos trabalhadores**. São Paulo: FAP-Unifesp, 2015.

MERHY, E. E. Educação permanente em movimento – uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. **Saúde em redes**, v.1, n.1, p.7-14, 2015.

MORE, C. L. O. O.; RIBEIRO, C. **Trabalhando com grupos na Estratégia Saúde da Família**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

NICOLAU, S. M. Grupos na atenção básica: enraizar-se em uma comunidade. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.). **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015. p.264-74.

SOUZA, A. C.; COLOMÉ, I. C. S.; COSTA, L. E. D.; OLIVEIRA, D. L. L. C. A educação em saúde com grupos na comunidade: uma estratégia facilitadora da promoção da saúde. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v.26, n.2, p.147-53, 2005.

TEIXEIRA, E. Práticas educativas em grupo com uma tecnologia socioeducativa: vivências na Ilha de Caratateua, Belém. **Revista Enfermagem**, v.11, n.1, p.155-9, mar. 2007.